

---

**ARTIGO HISTÓRICO**

---

*A pandemia de influenza espanhola (1918) em Florianópolis, santa Catarina, Brasil.*  
*The spanish flu pandemic (1918) in Florianópolis, Santa Catarina, Brazil.*

Bruno Rodolfo Schlemper Junior<sup>1</sup>, Ana Claudia Dall'Oglio<sup>2</sup>

**Resumo**

**Objetivo:** resgatar informações históricas sobre a influenza espanhola de 1918 na Capital de Santa Catarina, compreendendo o contexto sanitário/social da época e a importância da pandemia para a população de Florianópolis. **Método:** pesquisa bibliográfica nas bases de dados Scielo, PubMed, Medline e outras. Como fontes primárias de pesquisa: Jornais de Florianópolis e Relatórios da Inspetoria de Higiene de Santa Catarina. Ainda, foram levantados os óbitos do Cartório de Registro Civil de Florianópolis e das internações no Imperial Hospital de Caridade, ambos na época. **Resultados:** não foram encontrados livros editados ou artigos publicados em revistas científicas; apenas três trabalhos de conclusão de curso de graduação e uma tese de doutorado, todos em história, abordam aspectos específicos. As fontes de maior informação foram os jornais e o relatório do Serviço de Higiene referente a 1918. Pelo registro oficial de óbitos comprovou-se a existência de 81 óbitos pela influenza espanhola, com 65 deles ocorrendo no mês de novembro; pelo Relatório Oficial, foram infectadas cerca de 10 mil pessoas e 124 faleceram (0,12%). **Conclusões:** apesar das escassas fontes de informação, às vezes contraditórias, a pandemia chegou pelo porto de Florianópolis em 6 de outubro, disseminou-se rapidamente e permaneceu dois meses, sendo novembro o mês do pico epidêmico; infectou pelo menos 30% da população, causou muito medo e pânico, alterou de forma importante a vida das pessoas e ceifou, no mínimo, uma centena de vidas. Face a importância atual das pandemias por influenza, recomendam-se novos estudos sobre esta misteriosa pandemia.

**Descritores:**

1-Influenza espanhola;  
2-gripe espanhola;  
3-vírus influenza A;  
4-século XX;  
5-Florianópolis.

**Abstract**

**Background:** rescue historical information about 1918's Spanish influenza in Santa Catarina's capital, embracing its sanitary / social context and the pandemic's magnitude over Florianopolis population. **Methods:** literature search in SciELO, PubMed, Medline and others databases. As primary research sources: Florianopolis newspapers's and its Hygiene Service Report. Moreover, the deaths were collected from Florianópolis's Civil Registry and hospitalizations in Imperial Charity Hospital, both by that period. **Results:** it weren't found any published books or scientific journals articles's; only three completing undergraduate degree final studies's and a doctoral thesis, which take part on specific issues, all of them on history subject. The greatest sources of information were newspapers and Hygiene Service report relating to 1918. According to the official deaths record, there existed 81 deaths caused by Spanish influenza, of which 65 occurred by November. The Official Report points to approximately 10 thousand infected people with 124 (1.2%) died. **Conclusions:** despite the few information sources, sometimes contradictory, the pandemic arrived through Florianopolis's harbor, by October 6th, spread quickly and stayed two months, which of November were the epidemic peak; infected at least 30% of the population, caused a lot of fear and panic, significantly changed people's lives and killed at least a hundred of them. In view of the current importance of influenza pandemics, its recommended further investigation about this mysterious pandemic.

- 
1. Doutor em Medicina (Doenças Infecciosas e Parasitárias/UFRJ). Professor do Curso de Medicina da Universidade do Oeste de Santa Catarina/Joaçaba.
  2. Aluna do Curso de Medicina da Universidade do Oeste de Santa Catarina/Joaçaba.

**Keywords:** 1-Spanish influenza;  
2-spanish flu;  
3-influenza A vírus;  
4-twentieth century;  
5- Florianópolis.

*“A gripe chegou, entrou pelo porto e começou seu reinado*

*A Gripe está em Florianópolis. O cotidiano vai mudar.*

*As escolas e as dúvidas: suspender ou não as aulas?*

*Deixa para a Gripe que ela resolve.*

*A coisa está difícil! Quem sabe visitar um amigo,*

*Ir ao cinema, na missa, assistir a uma corrida de barcos...*

*Está ficando todo mundo doente. O negócio é se alimentar bem!*

*Afinal, qual é o remédio? Ou melhor, tem remédio?*

*A gripe tinha caráter benigno. Imagine o contrário!”<sup>(1)</sup>*

## Introdução

A pandemia de influenza espanhola é considerada, até os tempos atuais, como a maior e mais grave das doenças infecciosas que afetou o mundo, calculando-se que, em 1918 e 1919, metade da população mundial foi contaminada (600 milhões) e que entre 20 e 100 milhões de pessoas morreram em consequência de suas graves complicações respiratórias <sup>(2)</sup>, muito mais do que na I Guerra Mundial, Guerra do Vietnã e da Coreia juntas <sup>(3)</sup>. No Brasil, estima-se que morreram cerca de 31 mil pessoas, a maioria no Rio de Janeiro e em São Paulo, embora todas as regiões do país tenham sentido a gravidade da gripe pandêmica <sup>(4)</sup>.

O estudo das epidemias tem sido muito frutífero nas mãos dos historiadores, pois possibilitou conhecer inúmeros aspectos sociais e sanitários, como as condições existentes no atendimento às pessoas, a medicina científica e popular, os preconceitos e os autoritarismos, o envolvimento das questões religiosas, as mudanças do cotidiano das cidades e outros, permitindo analisar como os governos e as populações lidam com situações imprevistas, graves e agudas <sup>(4, 5)</sup>. Porém, os historiadores não costumam abordar os aspectos clínicos e epidemiológicos das pandemias, razão da ausência destas infor-

mações na maioria das publicações nacionais sobre a gripe espanhola <sup>(6)</sup>. A ausência de publicações médicas sobre a influenza espanhola em Florianópolis, bem como a raridade de informações em documentos oficiais, assim como em publicações sobre a História de Florianópolis é um fato difícil de explicar, mas incontestável <sup>(7, 8)</sup>, mas que pode ser sintetizada na expressão cunhada por Sontag (1984) <sup>(9)</sup> sobre a “quase total amnésia histórica com relação à gripe espanhola de 1918-1919”. Além de escassas, algumas informações são contraditórias, o que estimula a busca por fontes que possam, não só trazer luz a muitas perguntas, mas esclarecer algumas das divergências históricas. Assim, entende-se que o impacto e reflexo de uma pandemia não é somente do interesse do historiador e da demografia, mas também deve ser do alcance e interesse dos profissionais da saúde, dos epidemiologistas e dos gestores públicos de saúde.

O vírus mutante da gripe assumiu características tão singulares em 1918 que a chamada influenza espanhola, até hoje, apavora quem procura entender o que aconteceu naquele ano <sup>(5)</sup>, sobretudo quando se sabe que o vírus causador da pandemia da gripe de 2009 é também um H1N1 e um descendente do agente etiológico (H1N1) da influenza espanhola <sup>(10)</sup>.

Desta forma, o presente trabalho objetivou pesquisar diversas fontes possíveis visando encontrar informações sobre os aspectos clínicos, epidemiológicos, terapêuticos e preventivos da pandemia na cidade de Florianópolis, além de conhecer sobre o impacto na vida da população e o papel dos médicos e do setor público responsável.

Financiamento: Bolsa de Iniciação Científica PIBIC/Unoesc/Cnpq.

## Método

O presente estudo constou de: a) pesquisa bibliográfica nas bases de dados Scielo, PubMed, Medline, Rede de Bibliotecas da Saúde de Santa Catarina, Portal de Teses e Dissertações em Saúde Pública, acervo bibliográfico da Escola de Saúde Pública de Santa Catarina e acervo da Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina; b) pesquisa nos Periódicos da cidade de Florianópolis (O Estado, A República, A Época e Terra Livre, de setembro de 1918 a abril de 1919 e o Boletim Commercial, da primeira quinzena de novembro de 1918), nos números existentes na Biblioteca Pública de Santa Catarina; c) Pesquisa de documentos históricos dos períodos de 1918, 1919 e 1920 depositados no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, especialmente os Relatórios da Inspeção de Higiene de Santa Catarina; d) Levantamento dos óbitos registrados no Cartório de Registro Civil de Florianópolis, entre junho de 1918 a

maio de 1919 e existentes no Arquivo Público Municipal de Florianópolis; e) Levantamento das internações, por gripe e por outras causas, no Imperial Hospital de Caridade, entre setembro de 1918 e maio de 1919. As seguintes denominações de "causa mortis", encontradas nos registros de óbitos, foram consideradas com sendo atribuídas à influenza espanhola ou às suas complicações: Gripe, Influenza, Gripe epidêmica, Gripe pneumônica, Infecção grippal, Pneumonia grippal, Gripe pulmonar, Gripe broncoplégica e Gripe reinante.

## Resultados

Nas fontes bibliográficas pesquisadas não foi encontrado nenhum livro, artigo em revista científica, dissertação de mestrado ou tese de doutorado versando sobre o tema da gripe espanhola. As únicas bibliografias foram três trabalhos de conclusão de curso de graduação em história<sup>(1,7,8)</sup>, sobre aspectos específicos da pandemia e uma tese de doutorado<sup>(11)</sup>, mas cujo tema central é o resgate do saber médico e das práticas de cura nos séculos XIX e XX. Por sua vez, os jornais da época retratam as opiniões dos editores e divulgam as publicações oficiais a respeito do quadro reinante na cidade, servindo como importante fonte de informação. Já, o Relatório da Inspeção de Higiene (1919), que informa tão somente os locais e a população carente atendida pelo Governo Estadual, apontou para Florianópolis a existência de 769 infectados pela gripe espanhola, com 124 óbitos (16,1%). Considerando que, na época, a Capital catarinense tinha cerca de 36.000 habitantes, pode-se estabelecer, com base nesta fonte oficial, mas incompleta, um índice de infecção pela influenza espanhola da ordem de 2,2%. Na análise dos óbitos do Cartório de Registro Civil, ao longo dos meses de agosto de 1918 a maio de 1919, verifica-se que novembro foi o mês de maior mortalidade causada pela gripe, pois concentrou 80,2% (65/81) de todos os óbitos por gripe nos dez meses de levantamento e 84,0% quando considerado apenas o período de ocorrência da epidemia em Florianópolis, de outubro a dezembro de 1918 (Figura 1). Complementando esta observação, novembro/1918 foi também o mês em que a mortalidade pela gripe foi maior do que por todas as demais causas (65 contra 57), inversamente ao que ocorreu nos demais meses do biênio 1918/1919, nos quais esta relação variou de 22,0% (dezembro/1918) a 100% favorável às demais causas mortis. Por sua vez, semelhante resultado foi observado nas internações do Hospital de Caridade (Tabela 1, Figura 2), pois, em novembro, a gripe espanhola não só teve o maior número absoluto de pacientes internados<sup>(17)</sup> como foi responsável por 24,6% das internações (17/69) contra 7,1% (10/140) em outubro e praticamente zero (1/103) em dezembro/1918, coincidentes com o pico

da pandemia, enquanto que 3,8% das internações nos seis meses de levantamento foram motivadas pela gripe.

Com relação ao gênero dos indivíduos falecidos pela gripe, do total de 81 óbitos identificados em Cartório no período em tela (agosto/1918 a maio/1919), 51,9% eram mulheres e 48,1% homens. Já em relação aos óbitos por faixa etária, o grupo de 0 a 9 anos respondeu por 22%, o de 10 a 19, por 11%, o de 20 a 29 anos por 19% e o de 30 a 39 por 16%, enquanto nos grupos com idade igual ou superior a 40 anos, este percentual foi de 13% (Gráfico 1).

## Discussão

**A chegada do vírus à Ilha de Santa Catarina** - Nas cidades portuárias, como era Florianópolis no início do Século XX, havia um fator agravante da mais alta relevância em relação às epidemias, qual seja a presença do mar, haja vista que a história é rica de exemplos ilustrativos da importância da navegação na disseminação de doenças e epidemias. Os portos representavam a porta de entrada dos microorganismos patogênicos ao homem numa determinada cidade ou região<sup>(12)</sup>. Nos primórdios do Século XX, Santa Catarina era pródiga em portos ou atracadouros localizados ao longo de sua costa marítima (São Francisco do Sul, Itajaí, Florianópolis, Laguna e Imbituba), sendo que o porto de Florianópolis, nesta época, era o de maior relevância econômica e social<sup>(13)</sup>.

Portanto, não é difícil entender as razões pelas quais a gripe espanhola rapidamente chegou à Santa Catarina tão logo aportou na Capital Federal. Poucas semanas se passaram apenas para que, do Rio de Janeiro, aonde chegou em setembro de 1918, o vírus chegasse às terras catarinenses. Além dos navios de carga, já existiam os navios de passageiros de empresa local de navegação que fazia, quinzenalmente, a rota do Rio de Janeiro a Florianópolis, com escalas em Santos, Paranaguá, São Francisco do Sul e Itajaí<sup>(13)</sup>. Os registros oficiais assinalam que o agente causal da pandemia atingiu o Estado de Santa Catarina a bordo do vapor Itaquera que atracou em Florianópolis em 06 de outubro de 1918, com 38 passageiros gripados e, confirmando o enorme contágiosidade do vírus, sete dias após já era notificada a ocorrência do primeiro caso autóctone da influenza espanhola (Relatório da Inspeção de Higiene, 1919). O Jornal O Estado, de 18 de outubro de 1918 informava que o vírus já se encontrava entre os catarinenses e enfatizava seu caráter benigno.

**As medidas preventivas e curativas** - Nos primeiros anos do século XX inexistiam serviços estruturados e organizados de atenção à saúde (Relatório Diretoria de Higiene, 1920). Somente nas duas primeiras décadas deste século é que Florianópolis começou a receber obras públicas voltadas para a preservação da saúde das

peças, como o abastecimento de água, coleta de lixo e forno de lixo, entre 1909 e 1910, a construção do sistema de esgoto, concluído em 1916 e, entre 1912 e 1918, o processo de urbanização do centro urbano, com a canalização do Rio da Bulha, atual Avenida Hercílio Luz, mas que, apesar da significativa melhora nas condições de higiene e saúde pública, eram limitadas ao centro urbano, em nada beneficiando as comunidades do interior da ilha<sup>(14)</sup>. Por estas razões, o Governo catarinense procurava seguir as orientações emanadas da Capital da República, através do Diretor Geral de Saúde Pública, Dr. Carlos Seidl e, em 1918, criou o Serviço de Higiene, com função de cuidar da higiene pública, indicar as medidas de prevenção e de combate às epidemias, bem como de executar as demais ações essenciais. Assim, o combate à pandemia foi dividido em três fases. A primeira consistia em promover a saúde da população, a segunda fase em evitar a disseminação da doença entre os indivíduos e a terceira, por fim, em tratar os sintomas, uma vez que o mal já estivesse instalado no organismo (O Estado, 22 out. 1918). Nestes aspectos, revelavam-se as incertezas e o desconhecimento da comunidade médica diante da nova pandemia, o que os levou a prescreverem medicamentos já usados em outras doenças, como foi com a indicação e uso da quinina - conhecida no combate à malária - e que se mostrou ineficaz, levando ao descrédito e questionamentos às condutas dos médicos<sup>(8)</sup>. Face a disseminação da pandemia, fórmulas caseiras surgiam em toda a parte a fim de conter a doença, com os mais diversos ingredientes, entre eles água destilada, sulfato de sódio, salicilato de sódio, bicarbonato de sódio, benzoato de sódio, acetato de amônia, raízes guiné, purgante de óleo de ricino, aspirina, bromidrato, citrato de caféina, piramidon, tintura de acônito, infusão de jaborandi, brionita, arsênico, água de canela, carbonato de amônia, tintura de cola, xarope de alcatrão, ácido bórico pulverizados em inspirações e outras<sup>(8)</sup>. Outras providências determinavam a proibição de romarias ao cemitério, desinfecção de carroças de lixo, recomendações para se evitar visitas a cortiços e outras casas consideradas de baixa higiene (Relatório da Inspeção de Higiene, 1919). Medidas de controle das condições de higiene ambiental eram divulgadas, como a desinfecção das casas de dois em dois dias com água e creolina, exposição diária ao sol das roupas de cama, manter as portas e janelas abertas durante o dia e outras medidas de higiene doméstica (Boletim Commercial, primeira quinzena, novembro de 1918, No 21). As seguintes medidas de combate à gripe espanhola ainda merecem ênfase:

a) Vacinação com a lympha janneriana, utilizada contra a varíola, mas que se acreditava que fosse capaz de proteger contra a influenza; b) Postos de Socorro: foram

criados vários deles, na Ilha e na parte continental, mantidos pelo Governo e auxiliados pelo povo, além de outro instalado pela Municipalidade e pelo Jornal O Estado. A finalidade destes postos era, sobretudo, social, pois além da realização de consultas, fazia-se a distribuição gratuita de remédios e víveres aos doentes e seus familiares; c) Hospitais Provisórios: o Governo mandou instalar dois deles na Capital catarinense; d) Auxiliares de saúde: como não existiam profissionais da saúde empregados ou vinculados ao Governo, fazia-se o comissionamento de médicos, enfermeiros, farmacêuticos, doutorandos de medicina e outros.

**Mudanças do cotidiano** - A rotina da cidade e das pessoas foi radicalmente alterada pela presença da pandemia, seja por orientações das autoridades sanitárias e por reflexos do grande número de doentes, mas, sobretudo, pelo temor e pânico instalados na população florianopolitana, tendo sido afirmado que, de fato, existiram duas epidemias, a da gripe espanhola e a do medo da gripe espanhola<sup>(15)</sup>. A obra de memórias da cidade de Florianópolis<sup>(16)</sup> bem retrata o pavor causado pela doença:

*“Estabelecimentos de ensino fechados; os cinemas cerraram as portas; a turma se dispersava dos pontos habituais; os sinos da Catedral plangiam a finados o dia todo; o obituário de “O Estado” arrolava nomes conhecidos e queridos; os gêneros alimentícios escasseavam no mercado; os médicos não tinham mãos a medir; agonizantes, estertorando, se amontoavam pelas alas e corredores do Hospital de Caridade e do Hospital Militar; nas farmácias, os estoques de medicamentos iam sendo consumidos, hora a hora (...).”*

O Estado (31/10) noticiava as faltas de alunos “No Grupo Escolar Lauro Muller adoeceram hoje, nas aulas, 5 alumnos. O numero de faltas elevou-se para 240” e “devido a ausência de muitos alumnos e ao muito serviço dos padres professores com os doentes dessa cidade, os exames de promoção dos que não alcançaram média suficiente, ficam adiados até 2ª época”. Já no dia 08/11, o mesmo jornal noticiava que “no Grupo Escolar Silveira de Souza, faltaram 171 alumnos, comparecendo apenas 81”. Informava, ainda, que “Dos 162 alumnos matriculados na escola de Aprendizizes Artífices compareceram hoje apenas 36”. Já, em 22/11, o jornal Terra Livre noticiava que as escolas públicas foram fechadas por tempo indeterminado. Os jornais e alguns dados oficiais fornecem evidências confirmadoras de que a epidemia foi de

elevada mortalidade em Florianópolis, apesar do esforço das autoridades para mostrar o contrário <sup>(1)</sup>, e uma delas é a nota do Jornal Terra Livre, de 29/11/18:

*“O Sr. Superintendente Municipal, de acordo com o Sr. Dr. Inspector de Higiene, expediu hoje portarias proibindo as romarias aos cemitérios e entrada de mais de oito pessoas nos mesmos por ocasião de enterros”.*

Por sua vez, o Relatório da Inspetoria de Higiene, de 1918, deixa claro sobre o caos que se instalou no dia-a-dia de Florianópolis: “uma rajada devastadora e mortífera, transformando e desorganizando por completo a vida ordinária de todas as localidades, enchendo de apreensões e depois de pânico a todos os espíritos”. O jornal O Estado, no dia 16 de novembro e, portanto, no ponto máximo da pandemia em Florianópolis, pintou em cores dramáticas a situação do cotidiano das pessoas humildes durante o surto:

*“Homens validos, operarios e jornaleiros, foram arrastados a mais extrema penuria. Familias que nunca appellaram para a caridade publica se tem visto na dolorosa contigencia de mendigar por recursos para os seus doentes, pois a impossibilidade de trabalharem as compelia a esta triste necessidade. Não se pode fazer uma idéia fiel e precisa do sofrimento, afflicção e da angustia que vae pelos bairros pobres, onde a peste grassou e está grassando ainda com intensidade”.*

**Manifestações Clínicas** - Na época da pandemia da influenza espanhola não havia o reconhecimento da doença como uma única entidade clínica, face as dificuldades de diagnóstico e ausência de uma classificação internacional de doenças. Por isso, a mesma era designada de várias maneiras, conforme a experiência pessoal dos médicos ou das diferentes fases e formas clínicas presentes quando do diagnóstico clínico. Desta forma, a literatura registra estas nuances, como na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, na qual foram detectadas 38 designações para gripe espanhola ou suas complicações no obituário da Santa Casa de Misericórdia <sup>(17)</sup>. Em Florianópolis, foram registradas as nomenclaturas de gripe epidêmica, gripe pneumônica, influenza, infecção gripal, gripe intestinal e pneumonia gripal, entre outros <sup>(7)</sup>. No presente estudo, semelhante procedimento foi adotado, face o

encontro das seguintes designações de “causa mortis” no Cartório de Registro Civil de Florianópolis: Grippe, Influenza, Grippe epidêmica, Grippe pneumônica, Infecção gripal, Pneumonia gripal, Grippe pulmonar, Grippe broncoplégica e Grippe reinante. Quanto às manifestações clínicas da influenza espanhola, a Academia Paulista de Medicina, em fins de novembro de 1918, criou uma comissão de médicos para tratar do assunto <sup>(5)</sup>, a qual classificou a doença em duas categorias: a “forma ligeira”, mais frequente, e as “formas complicadas”, múltiplas e quase sempre fatais. A primeira forma, de duração média de cinco ou seis dias, geralmente evoluiria sem complicações, caso não encontrasse nenhuma doença de base. Se houvesse enfermidade prévia, o risco de complicação era muito elevado e deveria ser arrolado com os mais difíceis. Os principais sintomas do primeiro grupo eram: temperatura elevada, podendo atingir a 39.5° — raramente indo a 40° — pulso em relação com a temperatura — catarro nasal, traqueobrônquico, inapetência, prostração, língua branca ligeiramente azulada, olhos brilhantes, dores de cabeça e no corpo, sensação de mal-estar, urinas escuras. Ainda, segundo este relatório médico, a doença só acarretaria maiores complicações ou óbito caso o paciente já fosse portador de enfermidade grave ou houvesse se descuidado durante o período gripal. Quanto às manifestações da forma complicada da gripe espanhola, as principais eram as que acarretavam congestão pulmonar e complicação gastrointestinal, a pneumônica, a broncopneumônica e a toxêmica, sendo estas as formas que tinham uma grande probabilidade de evoluir para o óbito. Sobre o mesmo tema, os jornais de Curitiba informavam as opiniões dos médicos locais, com destaque para as do prestigiado facultativo, Dr. Nilo Cairo, que assim caracterizava a evolução da infecção que assolou Curitiba:

*“O começo da molestia é ordinariamente brusco. Em geral os typos clássicos da influenza começam por uma “febre” bastante forte, depois de repetidos “arrepios” de frio, violenta “dor de cabeça”, grande prostração geral, e muito frequentemente “dores” bastante intensas das “costas e das cadeiras”. A prostração é algumas vezes tão profunda que pessoas bem robustas são obrigadas a se meter na cama. Outras vezes se observam symptomas nervosos, excitação e delírio”.*

Em Porto Alegre, os clínicos observaram que a doença se manifestava sob múltiplas formas, ora de caráter benigno, ora com muitas e diferentes complicações, estas

as de elevada gravidade. Os sintomas eram classificados como “bastante gerais” e envolviam: febre, dores de cabeça, dores nos rins e nos músculos, ataque profundo do sistema nervoso levando a adinamia, vertigens, calor no rosto, lágrimas (catarro da conjuntiva) e catarro das vias respiratórias, anotando-se o opinião do Dr. Mário Totta sobre a virose na Capital gaúcha<sup>(15)</sup>:

*“Entre certos indivíduos a influenza põe em evidência uma moléstia latente: daí a gravidade excepcional da gripe entre os tuberculosos e os cardíacos, que são os que maior contingente cedem à mortalidade. Toda a moléstia anterior que tenha alterado os pulmões, os rins ou o coração assombra sempre o prognóstico da infecção viral”.*

É interessante registrar a narrativa dramática do médico e escritor Pedro Nava que assim descreve a evolução clínica da gripe espanhola<sup>(18)</sup>:

*“Conforme as condições especiais do terreno, segundo a resistência dos indivíduos ou o point d’appel de sua zona mais fraca – a influenza apresentava-se assim benigna, ou assumia as fisionomias que foram chamadas de pneumônica, broncopneumônica, gastroentérica, coleriforme, nevralgica, polineurítica, meningítica, meningo-encefalítica, renal, astênica, sincopal e fulminante. Era apavorante a rapidez com que ela ia da invasão ao apogeu, em poucas horas, levando a vítima às sufocações, às diarreias, às dores lancinantes, ao letargo, ao coma, à uremia, à síncope e à morte em algumas horas ou poucos dias”.*

Curioso, ainda, o registro feito pelo escritor, ao descrever sua própria infecção pelo vírus influenza, referindo-a como sendo da forma gastrointestinal, com febre elevada, alucinações, suor, vômitos e diarreia intensa, com duração de alguns poucos dias. Já, em Florianópolis, a única alusão às manifestações clínicas foi encontrada em periódico local (O Estado, de 19/11/1918):

*“A Influenza espanhola apresentava-se sob duas formas. A primeira era a forma torácica, em que se constataavam sintomas pulmonares leves como angina, laringite, traqueíte, bronquite e sintomas*

*graves como pneumonia, broncopneumonia e congestão pulmonar. Esta forma era considerada de maior gravidade pelos práticos na época. A segunda forma era a gastro-intestinal que cursava com sintomas como dor epigástrica, vômitos, inapetência, diarreia, constipação intestinal, língua saburrosa e congestão hepática. O prognóstico da doença era influenciado pelos antecedentes pessoais, entre eles, história de cardiopatia e doença pulmonar crônica como a tuberculose”.*

**Aspectos epidemiológicos** - O Relatório Anual da Inspetoria de Higiene, relativo a 1918, demonstra, em muitas de suas passagens, a gravidade da pandemia, ao referi-la como “apavorante e calamitoso infortunio que inesperadamente cahio sobre Santa Catharina”, e citar que “uma rajada devastadora e mortífera, transformando e desorganizando por completo a vida ordinária de todas as localidades, enchendo de apreensões e depois de pânico a todos os espíritos”. Na conclusão de seu Relatório, o Inspetor de Higiene, de forma dramática, assim se expressa:

*“A situação é de uma guerra, em que vemos com tristeza os estragos e os males todos creados pelo terrível e invisível inimigo que sem tréguas nos persegue, que sentimos nos apertar num circulo cada vez mais estreito e aterrador e a que temos obrigação de apresentar uma resistencia enérgica e decisiva, numa offensiva que, sabiamente conduzida, há de trazer sem duvida a victoria traduzida por um resultado satisfatório e completo”.*

Tendo iniciada a pandemia em Florianópolis no dia 06 de outubro de 1918, rapidamente foram se sucedendo novos casos neste mesmo dia e que passaram a ser detectados nos pontos mais diversos da região urbana da cidade. Ao que parece, a epidemia só alcançou o interior da ilha a partir de meados de novembro, como retrata a nota do jornal O Estado, de 16 do mês em questão, quando informa que “A epidemia está se alastrando agora para o interior da Ilha e arredores”. Na zona urbana, o primeiro caso autóctone, provavelmente, foi detectado no dia 13 de outubro de 1918 sendo que, “dahí por diante, os casos foram se multiplicando sem conta, atacando indistinctamente representantes de todas as clas-

ses sociaes” (Relatório do Serviço de Higiene). Por sua vez, nas cidades de São Paulo <sup>(4)</sup> e Rio Grande <sup>(19)</sup>, respectivamente, contestam esta pretensão ilusão democrática da influenza, pois ambos detectaram taxas muito mais elevadas de mortalidade entre as classes mais pobres. Idênticos resultados foram também referidos nas cidades do Rio de Janeiro <sup>(20)</sup> e na Argentina <sup>(21)</sup>. Em Florianópolis, embora os dados não permitam uma conclusão mais apurada sobre a prevalência por extratos sociais, depreende-se que a população pobre foi a mais atingida <sup>(7, 8)</sup>. O Jornal O Estado, de 6/11/1918, sob o título “Pensemos nos pobres”, descreve a intensidade com que a gripe atingiu as classes menos favorecidas, solicitando o apoio dos mais afortunados. Este jornal chegou a instalar uma Comissão de Assistência, a qual estimava, em 19 de novembro, ter socorrido mais de 4.000 pessoas necessitadas. Esta ação do Jornal foi decorrente da inexistência de serviços públicos capaz de dar atenção à população socialmente mais vulnerável.

Os dados da influenza obtidos em Florianópolis também permitem verificar que a epidemia teve uma curta duração na cidade, de cerca de dois meses, pois chegou em 06 de outubro de 1918 e em dezembro do mesmo ano ocorreram os últimos casos, como se constata pelos jornais da época e pelo Relatório do Serviço de Higiene, ou seja, ao término de 1918 a pandemia de influenza espanhola encontrava-se extinta na Capital catarinense, o que vem ao encontro da observação de que o período crítico da epidemia não ultrapassava seis semanas, como ocorreu em São Paulo <sup>(4)</sup>. Já em 18 de dezembro, o Dr. Alfredo Araújo, conforme relatório publicado pelo jornal O Estado, informa que “Florianópolis pode dizer que foi a cidade onde mais prontamente a epidemia foi extinta e onde faleceu menor numero de pessoas”. Porém, o Dr. Joaquim David Ferreira Lima, Inspetor de Higiene de Santa Catarina, em seu Relatório Anual de 1918, informa que até fins de outubro, mais de 6.000 ilheus já haviam sido atacados pela doença dentro do perímetro urbano de Florianópolis e, em 05 de dezembro, confirmando que a epidemia contaminou muitos moradores, o Dr. Felipe Machado Pedreira, Inspetor de Saúde do Porto, informa que, somente no posto da Comissão de Assistência, ele havia atendido 422 doentes de gripe espanhola com três óbitos (O Estado, de 05/12/1918). Jornal A Republica, de 06 de novembro, informa que a gripe alastrou-se para o continente de forma assustadora, acometendo mais de dois terços dos moradores de Coqueiros. Ou seja, de acordo com estes dados oficiais, a taxa de morbidade desta população pode

ter atingido a cifras elevadas, embora os valores não permitam estabelecer estatísticas precisas, uma vez que este número do Serviço de Higiene diz respeito apenas aos atendidos pelas ações do governo. Esta dificuldade de estabelecer dados de prevalência também foi detectada em outras cidades, como em São Paulo <sup>(4)</sup> e Porto Alegre <sup>(15)</sup>. Abrão <sup>(15)</sup> refere que, em Porto Alegre, foi impossível precisar as taxas de mortalidade, haja vista que muitos óbitos não foram notificados pelas autoridades. De qualquer maneira, é possível estimar, com base nos dados do recenseamento de 1918 e nas informações levantadas no Relatório Oficial do Governo e da Comissão Central de Assistência que, na Capital catarinense, pelo menos 10.000 pessoas se infectaram, o que poderia representar que, pelo menos, 30% da população do município contraíram a gripe espanhola. Estes cálculos são possíveis pelos resultados do recenseamento do Município de Florianópolis, realizado em 31 de agosto de 1918, por idade, sexo e estado civil, o qual registrou um total de 36.184 habitantes (A Época, 05/10/1918). Os dados foram coletados nos distritos de Cidade (zona urbana de Florianópolis, onde residiam 16.508 indivíduos), Santo Antonio, Lagoa, Rio Vermelho, Ribeirão, Canavieiras, Trindade, Saco dos Limões, Cachoeira e Ilha do Arvoredo.

Outros indicadores obtidos com os registros das visitas dos farmacêuticos aos diferentes distritos da Ilha, a quem competia a “incumbencia de visitar, nos suburbios, as pessoas atacadas pelo mal” (A Republica, 15/11/1918), revelam a extensão da pandemia para o interior e mostram o elevado grau de infecção da população mais pobre, uma vez que, em novembro, das 83 casas visitadas na Lagoa, Santo Antonio, Saco Grande, Costeira e Saco dos Limões, foram detectados 177 infectados pelo virus da influenza espanhola, correspondendo a 2,1 doentes por casa. Por sua vez, o Hospital Provisório da Pedra Grande, entre 27 de outubro e 17 de novembro, atendeu a 81 doentes pobres, com o registro de apenas duas mortes (Jornal A Republica, novembro de 1918). Os índices de infecção ao redor do mundo foram muito variáveis e dependentes de uma série de fatores, a começar pelo nível de pobreza da população local, como detectado em Bogotá, Colômbia, na qual se estimou que 80% foi infectada <sup>(22)</sup>. No Rio de Janeiro, cerca de 66% da população adoeceu pela gripe espanhola <sup>(3)</sup>, tendo a cidade se transformado numa necrópole (Brito, 1997) <sup>(20)</sup> e, em dois meses de epidemia, 65% da população da cidade de São Paulo (532 mil habitantes) foi infectada <sup>(4)</sup>. Buscando elementos para dar sustentação as afirmações de que a pandemia foi muito mais gra-

ve em Florianópolis do que os jornais mencionavam, Rosa (2003) <sup>(1)</sup> refere que, apenas no mês de novembro de 1918, segundo o Registro Civil, ocorreram 142 óbitos e 53 nascimentos, o que representa que morreram 165,9% a mais de ilheus do que nasceram e que, considerando a população do distrito central da cidade, em torno de 16.000 pessoas (O Estado, de 12/10/1918), é possível estimar que a população diminuiu 0,55% ou que faleceu 0,87% por todas as causas, entre os moradores locais, em apenas um mês da epidemia. Destaque-se que mais de 50% destas mortes podem ser atribuídas à gripe espanhola, pois, no presente estudo, verificou-se que 53,2% <sup>(65)</sup> destes óbitos tiveram a gripe como causa mortis. Estes números parecem demonstrar a real importância da pandemia, permitindo concluir que em Florianópolis ela não teve nada de benigno <sup>(1,8)</sup>. O Relatório oficial vem ao encontro desta afirmativa, pois refere que a Capital catarinense foi uma das que “maior tributo de sofrimentos pagaram à terrível pandemia”. Nossos levantamentos de óbitos em Cartório ao longo dos anos de 1918/1919 parecem confirmar esta assertiva, haja vista que de todos os óbitos por gripe registrados nos dez meses de levantamento, a gripe espanhola foi responsável por 80,2% delas e, quando se considerou apenas os dois meses da epidemia, a gripe espanhola foi a causa mortis em 84,0%. Ainda, no mês de novembro/1918, a mortalidade pela gripe espanhola foi maior do que por todas as demais causas (65 contra 57), diferentemente do que ocorreu nos demais meses do biênio 1918/1919, nos quais esta relação variou de 22,0% a 100% favorável às outras causas de óbito. Nos Estados Unidos, a mortalidade média foi da ordem de 2,5% e na Europa de 4,0% <sup>(25)</sup>. Para Florianópolis, o Relatório da Inspetoria de Higiene, de 1919, que considera apenas as ocorrências entre as pessoas atendidas pelo Governo, aponta que dos 10mil infectados, 124 (0,12%) foram a óbito, número considerado abaixo do real face as restrições do documento oficial.

No que diz respeito ao gênero dos óbitos detectados em Cartório, as mulheres contribuíram com 51,9% dos falecimentos, tendo em vista que a população feminina era predominante no município de Florianópolis, da ordem de 53,0% (19.202 eram mulheres e 16.982 homens), conforme recenseamento de 1918 procedido pela municipalidade de Florianópolis (Jornal A Republica, de 10/03/1919). Outros estudos mostram um suposto predomínio da mortalidade nos homens, embora sem análises estatísticas confirmatórias, como ocorreu em Porto Alegre <sup>(15)</sup>, em Pelotas <sup>(17)</sup>, na cidade de Rio Grande <sup>(23)</sup> e em Salvador <sup>(24)</sup>.

Outros estudos não revelam diferenças nos índices de mortalidade entre os dois sexos, como verificado na cidade de São Paulo <sup>(4)</sup>. Na Espanha, constatou-se que mais mulheres morreram nas idades mais jovens, sobretudo na faixa de 10 a 14 anos, em contraposição à maior mortalidade dos homens na faixa de 25 a 60 anos <sup>(26)</sup>. Percebe-se, portanto, que os resultados são variáveis, conforme vários fatores relacionados e o grau de exposição ao agente causal <sup>(15)</sup>.

Em relação aos grupos etários, os resultados da presente pesquisa não diferiram do observado em outros estudos, nos quais houve predomínio da mortalidade na população de crianças e adultos jovens. Os dados do presente estudo, obtidos em Cartório de Registro Civil (Gráfico 1), revelaram taxas de mortalidade mais amplas nas faixas de 0 a 9 anos, com 22 óbitos, seguido do grupo de 20 a 29 anos, com 19 óbitos, correspondendo a 27,1% e 23,4% dos 81 óbitos, respectivamente, e correspondendo a metade dos falecimentos pela gripe espanhola na cidade de Florianópolis. Em Pelotas <sup>(17)</sup> estas duas faixas também foram as mais afetadas e na capital paulista o predomínio absoluto foi entre crianças de 0 a 4 anos, que representou 40,75% do óbitos gripais <sup>(4)</sup>. Já em Salvador, Bahia, parece que “a espanhola escolhia suas vítimas entre os jovens e adultos, poupando os muito velhos e atingindo poucos adolescentes e crianças” <sup>(24)</sup>. Registre-se que em Florianópolis, no grupo de 30 a 39 anos foram detectados 16 óbitos (18,8%), enquanto nos grupos de idade superior a 40 anos, apenas 13 óbitos (15,1%) foram registrados, número muito próximo para esta mesma faixa de idade mais avançada aos 12,1% encontrados na capital paulista <sup>(4)</sup> e aos 19% em Pelotas <sup>(17)</sup>.

**Os médicos de Florianópolis e a influenza** - Os escassos materiais sobre a influenza espanhola em Florianópolis não permitem obter informações mais completas sobre os médicos que atuaram no combate à pandemia. Porém, pelas notas e informações das fontes primárias, sobretudo dos jornais, percebe-se a presença de alguns poucos profissionais e a forma como a sociedade acatava e reverenciava o trabalho destes médicos. Vêm ao encontro destas observações, os seguintes textos extraídos dos jornais: O Estado, em 09 de novembro, no pico da epidemia, enquanto mencionava que “infelizmente não tem diminuído de intensidade a influenza espanhola nesta Capital”, exaltava o trabalho médico, ao referir que “só é digno de louvores o benemerito corpo clínico de Florianópolis”. O mesmo jornal, em sua edição de 07 de novembro, destacava o trabalho voluntário de médico cidadão como “o humanitario facultativo Sr. Dr.



Alfredo de Araujo ofereceu gratuitamente os seus serviços profissionais à Comissão Central de Socorro aos Necessitados”. Outros médicos, como os doutores Felipe Pedreira e Joaquim Ferreira Lima, também mereceram distinção de O Estado, ainda no auge da pandemia, em 08 de novembro: “O Dr. Felipe Pedreira, Chefe de Saúde do Porto, de mãos dadas com o Dr. Inspector de Hygiene do Estado, estabeleceu forte defensiva, trabalhou como verdadeiro paladino na defesa de Florianópolis. O exército invasor foi enorme e a sua vitória é incontestável. Os doentes devem de uma vez abandonar as sandices e abraçar unicamente o que dizem os mestres”. O Dr. Felipe Pedreira foi o médico que participou dos primeiros diagnósticos da pandemia na cidade, haja vista sua condição de Inspetor de Portos de Florianópolis.

Jornal A República, em novembro de 1918, enaltece o trabalho dos médicos da seguinte forma:

*“Durante a situação angustiosa que atravessamos, é de louvarmos a solicitude, o desprendimento do nosso corpo medico, que tem trabalhado de modo exaustivo combatendo o mal da pandemia. Sem um momento de descanso, os nossos médicos prontamente têm atendido os chamados dos doentes qualquer que fosse a sua condição social. Ferreira Lima, Bulcão Viana, Ervino Presser, Alfredo Araujo, Carlos Corrêa, Felipe Pedreira e Adhemar Grijó são dignos de nossos louvores”.*

A partir de 16 de novembro outro médico entra em cena e, O Estado, sob o título “Mais um Médico”, informa que “O Sr. Dr. Remígio de Oliveira, ilustre facultativo patricio, teve a bondade de nos oferecer os seus serviços, durante todo o tempo que puder dispor”. Jornal A República noticia que o Delegado de Higiene de Campos Novos, Dr. Sarmento Leite Filho, foi convidado pela Inspetoria de Higiene para vir ajudar no combate da gripe em Florianópolis, mas o mesmo adoeceu durante a viagem.

Naquela época, como eram poucos médicos no Estado, outros profissionais da saúde e práticos auxiliavam no atendimento à população carente, como os farmacêuticos Francisco Pereira e Oliveira, Luiz d’Acampora e Henrique Brüggman, além do prático de farmácia, João José da S. Medeiros, os quais foram incumbidos de visitar as pessoas infectadas nos subúrbios de Florianópolis. Alguns poucos doutorandos de medicina foram também comissionados.

## Conclusões

A presente pesquisa desvendou o drama da presença da influenza espanhola em Florianópolis no ano de 1918, sendo capaz de demonstrar a gravidade da situação vivenciada pela população da cidade. Sua passagem foi relativamente curta, de menos de dois meses, entre outubro e dezembro de 1918, mas, a par das notícias alvissareiras pelo término da Primeira Guerra Mundial, o caos tomou conta, não só pelos enormes transtornos no dia-a-dia do povo ilheu como pela gravidade da pandemia que infectou milhares de habitantes e levou muitos ao óbito de forma avassaladora. O total desconhecimento sobre o agente causal, as formas de transmissão, de prevenção e de tratamento da doença, aliado às precárias condições de higiene pessoal, insuficiente estrutura sanitária da cidade e de serviços de saúde pública serviram para ampliar o medo e o pânico que se instalaram na Capital dos catarinenses. As informações históricas resgatadas sobre esta temível pandemia, inéditas na visão clínica e epidemiológica, poderão ser úteis em momentos futuros de ocorrências de outras epidemias de gripe. Finalmente, cabe ressaltar sobre o seguinte alerta do médico e infectologista Ujvari <sup>(27)</sup>:

*“Quem imagina que a história da gripe espanhola é coisa do passado se engana. Uma nova epidemia de gripe, tão mortal quanto a vivida no ano de 1918, é uma ameaça constante.”*

## Referências

1. Rosa R. A Influência da Influenza: políticos, médicos, imprensa e cotidiano em Florianópolis. (trabalho de conclusão de curso). Florianópolis: UFSC; 2003.
2. Kolata G. Gripe: a história da pandemia de 1918. Rio de Janeiro: Record; 2002.
3. Goulart AC. Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, 2005. 12 (1): 101-42.
4. Bertolli Filho, C. A Gripe Espanhola em São Paulo, 1918: epidemia e sociedade. São Paulo: Paz e Terra. 2003.
5. Bertucci-Martins LM. Entre doutores e para os leigos: fragmentos do discurso médico na influenza de 1918. História, Ciências, Saúde - Manguinhos 2005; 12 (1): 143-57.
6. Bertucci LM. Influenza, a Medicina Enferma: Ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo. Campinas/SP: Editora da Unicamp. 2004.
7. Régis TA. Fragmentos de um drama: Santa Catarina

sob o jugo da gripe espanhola (trabalho de conclusão de curso). Florianópolis: UFSC; 2003.

8. Pohlmann GG. A influenza entre drogas e rezas: a atuação de praticantes da cura durante a gripe de 1918 em Florianópolis. (trabalho de conclusão de curso). Florianópolis: UFSC; 2009.
9. Sontag S. A Doença como metáfora. 3ª ed. Tradução Márcio Ramalho. Rio de Janeiro: Edições Graal; 1984.
10. Morens DM, Taubenberger JK, Fauci AS. The Persistent Legacy of the 1918 Influenza Virus. *N Engl J Med* 2009; 361(3): 225-229.
11. Moraes LNR de. Cães, vento sul e urubus. Higienização e cura em Desterro/Florianópolis. (tese). Porto Alegre: PUC/RS; 1999.
12. Porter R. Das tripas coração. Uma breve história da medicina. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Record; 2004.
13. Poyares dos Reis SR, Ramalho de Oliveira SR, Klug J. Carl Hoepcke: a marca de um pioneiro. Florianópolis: Insular; 1999.
14. Veiga EV da. Florianópolis. Memórias urbanas. 2ª Ed. rev. ampl. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes; 2008.
15. Abrão JS. Banalização da morte na cidade calada: a Hespânica em Porto Alegre, 1918. Porto Alegre: EdiPUCRS; 1998.
16. Barbosa R. O garoto e a cidade: Florianópolis dos anos 20. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina e Fundação Catarinense de Cultura; 1979.
17. Ferreira RB. Epidemia e drama: a Gripe Espanhola em Pelotas – 1918. Rio Grande: FURG; 2001.
18. Nava P. Chão de Ferro: Memórias/3. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio; 1976.
19. Olinto BA. Uma cidade em tempo de epidemia: Rio Grande e a gripe espanhola (R.S. -1918). (dissertação). Florianópolis: UFSC; 1995.
20. Brito NA de. La dansarina: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro. *História, Ciências, Saúde— Manguinhos* 1997; 4 (1): 11-30.
21. Carbonetti A. Historia de una epidemia olvidada. La pandemia de gripe española en la Argentina, 1918-1919. *Desacatos* 2010; 32: 159-174.
22. Martín AFM, Abril FGM, Álvarez BFM. La pandemia de gripe de 1918 en Bogotá. *Dynamis* 2007; 27: 287-307.
23. Torres LH. Rio Grande, 1918: a Gripe Espanhola e o colapso do cotidiano. Rio Grande: FURG; 2008.
24. Souza CMC. A Gripe Espanhola na Bahia: saúde, política e medicina em tempos de epidemia. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; Salvador: EdUFBA; 2009.
25. Flahault A, Zylberman P. Influenza pandemics: past, present and future challenges. *Public Health Reviews* 2010; 32 (1): 319-340.

26. Echeverri B. Spanish influenza seen from Spain. In: Phillips H, Killingley D. (Eds). *The Spanish influenza pandemic of 1918-1919: new perspectives*. London - New York: Routledge; 2003.
27. Ujvari SC. *A História e suas Epidemias: A convivência do homem com os microorganismos*. Rio de Janeiro: Editora Senac. 2003.

### Fontes documentais

Periódicos de Florianópolis: O Estado, A República, A Época e Terra Livre. Setembro de 1918 a março de 1919 e Boletim Comercial da primeira quinzena de novembro de 1918. Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

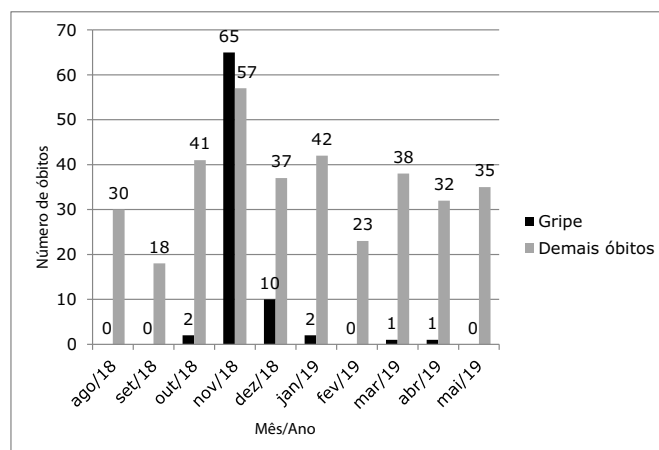
Governo do Estado de Santa Catarina. Inspectoria de Hygiene. Relatório Annual de 1918 do Dr. Joaquim David Ferreira Lima ao Sr. Secretário de Interior e Justiça, Dr. José Arthur Boiteux. Arquivo Público de Santa Catarina: Florianópolis; 1919.

Governo do Estado de Santa Catarina. Directoria de Hygiene. Relatório de 1919 do Dr. Joaquim David Ferreira Lima ao Sr. Secretário de Interior e Justiça, Dr. José Arthur Boiteux. Imprensa Oficial: Florianópolis; 1920.

Livros dos Cartórios de Registro Civil de Florianópolis. Arquivo Público Municipal: Florianópolis; 1918-1919.

Imperial Hospital de Caridade – Livro de Entrada e Saída das Internações: Florianópolis; 1918-1919.

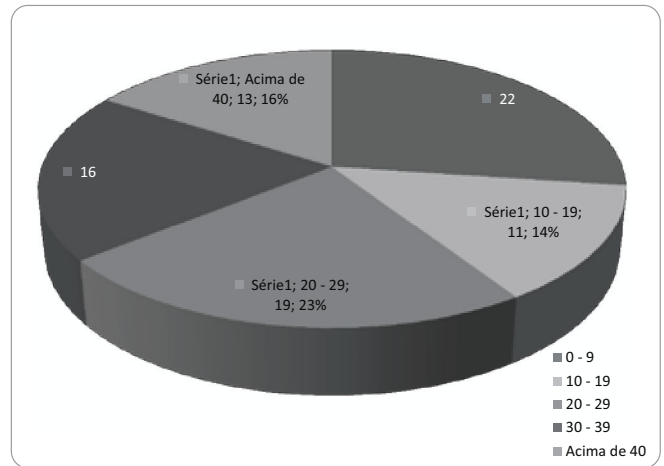
**Figura 1.** Registro de óbitos em Florianópolis (agosto de 1918 a maio de 1919) por gripe espanhola e demais causas (Cartório de Registro Civil de Florianópolis).



**Figura 2.** Foto de Florianópolis – Início do Século XX. Casas da Praça XV e, ao fundo, o Imperial Hospital de Caridade (Banco de Imagens da Fundação Franklin Cascaes/Prefeitura Municipal de Florianópolis).



**Gráfico 1.** Distribuição dos 81 óbitos por gripe e por faixa etária em Florianópolis, entre agosto de 1918 e maio de 1919 (Fonte: Cartório de Registro Civil).



**Tabela 1.** Total de internações, internações por gripe, gênero das internações e óbitos por gripe no Imperial Hospital de Caridade de Florianópolis – SC, de setembro de 1918 a maio de 1919 (Livro de Entrada e Saída de Internações - Imperial Hospital de Caridade).

Mês/Ano	Total de internações	Internações por gripe	Gênero das internações por gripe		Óbitos por gripe
			Masculino	Feminino	
Set/18	111	4	0	4	1
Out/18	140	10	8	2	0
Nov/18	69	17	7	10	1
Dez/18	103	1	1	0	0
Jan/19	170	1	0	1	0
Fev/19	171	1	0	1	0
Mar/19	170	5	5	0	0
Abr/19	161	5	3	2	0
Mai/19	169	1	1	0	0
Total	1164	45	25	20	2

**Endereço para correspondência**  
 Bruno R. Schlemper Jr.  
 Rua Frei Caneca, 64 Apto. 202.  
 Florianópolis.SC  
 CEP:88015-410.  
 E-mail: schlemper.junior@gmail.com